

Notas acerca do *exílio natural* em Álvaro de Campos

Mauro Luiz Rovai¹
Para Claudine Haroche

Resumo: O objetivo deste texto é tentar compreender a noção de *exílio* presente nos versos do livro *Vida e obras do Engenheiro* (1990) de Álvaro de Campos. O uso da palavra *exílio* pelo poeta está mais próximo da ideia de uma *alma errante* (como diz Teresa Rita Lopes) do que da noção comum de exílio – entendida como aquele que está afastado do lugar de pertencimento. Considerando isto, estudaremos a forma como o poeta articula as imagens evocadas por esse tipo particular de exílio, que aparece sob a capa de *exílio natural* (num poema escrito em 6/1/1930) e depois exploraremos uma série de outros termos que ecoam ao longo do livro, como por exemplo *abandono*, *exclusão*, *turista*, *estrangeiro*, *estranho*, *esquecer* e *lembrar*. Embora o foco da análise seja o livro acima mencionado, faremos também uso de outros poemas e notas de Álvaro de Campos e passagens da obra de Fernando Pessoa. A ideia é estabelecer possíveis ligações entre sociologia e literatura, utilizando a discussão dos escritos do poeta como principal abordagem metodológica.

Palavras-chave: *Exílio natural*; Estranho; Estrangeiro; Álvaro de Campos; Sociologia; Literatura.

¹ Professor de Sociologia do Departamento de Ciências Sociais da Unifesp. O texto foi construído a partir da aula de mesmo título, ministrada na Cátedra Edward Said no dia 8 de junho de 2021. E-mail: mauro.rovai@unifesp.br. OrcID: 0000-0002-3943-1911.

NOTES ON NATURAL EXILE IN ÁLVARO DE CAMPOS

Abstract: The aim of this text is to try to understand the notion of *exile* present in the verses of the book *Vida e obras do Engenheiro* (1990) by Alvaro de Campos. The poet's use of the word *exile* is actually closer to the idea of a *wandering soul* (as Teresa Rita Lopes says) than to the ordinary notion of exile – understood as “one who is distant from the place of belonging”. Considering this, we will study the way in which the poet articulates the images evoked by this particular type of exile, which appears in the guise of *natural exile* (in a poem written in 6th January 1930) and then explore a series of other terms that echo throughout the book, such as: *abandonment, exclusion, tourist, foreigner, stranger, forgetting and remembering*. Although the focus of the analysis is the aforementioned book, we will also make use of other poems and notes from Álvaro de Campos and passages from Fernando Pessoa's work. The idea is to establish possible connections between sociology and literature, using the discussion of the poet's writings as a main methodological approach.

Keywords: *Natural Exile*; Stranger; Foreigner; Álvaro de Campos; Sociology; Literature.

Prólogo metodológico

Este estudo busca configurar a noção de *exílio* presente nos versos do livro *Álvaro de Campos. Vida e obras do Engenheiro* (1990). Não se trata, portanto, de uma aproximação acerca da palavra *exílio* no sentido dicionarizado: “expatriação compulsória ou voluntária [...], lugar onde vive o exilado ou lugar retirado”², em que tomássemos a relação entre a vida de Fernando Pessoa (que viveu em Portugal e na África do Sul) e a sua obra. Também não se trata de uma abordagem geral acerca de toda a produção poética ou em prosa do poeta, nem sequer uma especulação acerca das

² Sempre que recorremos aos significados e usos de algumas palavras específicas, as fontes são *on-line*: *AULETE digital* (Disponível em: <<https://aulete.com.br/>>. Acesso em 15 de dezembro de 2021) e *ORIGEM da palavra* (Disponível em: <<https://origemdapalavra.com.br/>>. Acesso em 15 de dezembro de 2021).

influências que as particularidades dessa trajetória exerceram na sua produção. O intuito bastante preciso é perscrutar a forma como um dos heterônimos do poeta, Álvaro de Campos, articulou as imagens evocadas por um tipo bastante particular de exílio, e que a dada altura aparece no verso *exílio natural* (em poema de 6/1/1930), explorando, no mesmo passo, uma série de termos que ecoam por todo o livro, tais como *abandono*, *exclusão*, *tourist*, *estrangeiro*, além de outros, com os quais essas ideias dialogam, como *esquecimento* e *recordação*, em que a relação com a própria história, com o que se viveu, é de estranhamento, de não pertencimento: “Hoje, recordando o passado / Não encontro nele senão quem não fui...”.

Um breve vislumbre da obra do poeta português nos permite notar que o referido tema não lhe é incomum, além de ter sido, inclusive, o título de uma Revista – *Exílio* – da qual participou Fernando Pessoa, publicada em número único, o que já seria bastante significativo. Lá o Exílio remete à arte como *ponte para o Além*, um além que, segundo Teresa Almeida, significava encontrar na figura do poeta o seu mensageiro e na poesia: “a chave do reencontro com a Pátria, esse Portugal mítico que Pessoa nunca se cansará de procurar”³. O exílio na Revista é o: “fora do mundo, em exílio permanente” à espera da “terra das quimeras [...] a única que podia e devia ser habitada”⁴.

Teresa Rita Lopes, ao organizar e montar o livro *Vida e obras do engenheiro*, também havia se detido no tema. Nele, a autora destaca a expressão *alma errante*⁵ para caracterizar o sentimento de *sem pátria* do

³ ALMEIDA, Teresa. Nacionalismo e Modernismo. O projecto Exílio. In: *Exílio* (edição fac-similada). Lisboa: Contexto, 1982, pp. VII-XVII. Disponível em: <<http://ric.slihi.pt/docs/Extras/0000001687.pdf>>. Acesso em 9 de novembro de 2021.

⁴ *Ibidem*. Sobre a Revista e as diferentes pessoas e perspectivas que nela atuaram (ainda que em número único), bem como os antecedentes de sua aparição e a relação com o nacionalismo no *projeto exílio*, ver principalmente pp. IX-XII.

⁵ Como aponta a autora, *Alma errante* é o título de um livro de versos, escrito por Eliezer Kamenesky, e que conta com o prefácio de Pessoa, e também a maneira como o poeta se autodenominou, cf. LOPES, Teresa Rita. Apresentação do engenheiro. In: CAMPOS, Álvaro de. *Vida e Obras do Engenheiro*. Lisboa: Estampa, 1990, p. 18. A dada altura de Ode Marítima lê-se: “Ó alma errante e instável da gente que anda embarcada / Da gente simbólica que passa e com quem nada dura”, cf. PESSOA, Fernando. Ode marítima. In: Arquivo Pessoa. *Obra Édita*. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/135>>. Acesso em 15 de dezembro de 2021.

poeta, a quem caracteriza como: “errante dentro de si próprio”⁶. Na leitura da autora, portanto, é como se o exílio, prefigurado na imagem de alguém *sem pátria*, adquirisse conotação bastante particular: vive-se a nostalgia (isto é, um tipo particular de viagem) da *Pátria Prometida*, pátria que é a *Infância Feliz*, definitivamente perdida. A Infância como uma espécie de *Ítaca revisited* que não o acolhe nem reconhece.⁷

A proposta deste estudo, no entanto, foi a de buscar um caminho no qual a análise pudesse avançar por entre essas grandes perspectivas acerca do exílio – o dicionarizado, que nos remete aos aspectos políticos trazidos pelo termo, o do reencontro mítico com a terra prometida, o da infância perdida – com o intuito de sugerir uma outra, cuja chave nos apareceu no verso *exílio natural*.

Para delimitar o material com o qual trabalhar, dada a grande quantidade de personagens no drama em gente pessoano e da vasta produção de seus heterônimos mais conhecidos, optamos por um duplo corte: o primeiro, como já antevisto, centrar as análises em torno da obra poética de Álvaro de Campos; o segundo, lançando mão de um agrupamento de seus poemas. Daí a escolha de *Vida e obras do engenheiro*.

São três as razões para a escolha do referido livro. A primeira, porque quem o organizou, Teresa Rita Lopes, o dedicou ao aniversário fictício de cem anos do heterônimo Álvaro de Campos, em 1990⁸; a segunda, por nos oferecer, na introdução que dá à obra, uma resposta à questão do exílio em Campos, formulada na ideia da perda da infância feliz (mencionada acima); por fim, porque foi nesse livro que pela primeira vez tomei contato com a formulação de Álvaro de Campos, autointitulado *teorista social*, do que viria a ser um *dever de sociólogos*.

Em outros termos, os três motivos acima dão-nos uma seleção de poemas de um dos heterônimos⁹ – justamente aquele que se diz *sociólogo*

⁶ LOPES, Teresa Rita. Apresentação do engenheiro. In: LOPES, Teresa Rita, *Vida e Obras do Engenheiro*. Lisboa: Estampa, 1990, p. 19.

⁷ *Ibidem*, p. 21. Pátria: “a que às vezes chama Austrália” (*Ibidem*, p. 21).

⁸ Diferente portanto do ano de nascimento de Fernando Pessoa, que é 1888, não 1890.

⁹ Conforme aponta a pesquisadora, *Vida e obras do engenheiro Álvaro de Campos* é o título sob o qual: “projetava Pessoa reunir as obras e os apontamentos biográficos que, conjuntamente, constituiriam a ficção por excelência da sua produção heteronímica”

e que nos famosos versos da “Tabacaria” dizia: “E tudo isso me pesa como uma condenação ao degredo / E tudo isto é estrangeiro, como tudo”¹⁰ –, realizada por uma estudiosa que, na apresentação que faz ao livro – *Vida e obras do engenheiro* –, aproxima as expressões *sem pátria* e *errante dentro de si próprio*, de modo que temos um cais seguro de onde partir e para o qual retornar na nossa tentativa de configurar outra caracterização do *Exílio*, ao qual Campos, a dada altura, chama de *natural*.

Do ponto de vista dos procedimentos, pois, tomaremos a seleção de escritos e poemas presentes no livro, organizado em 1990, *Vida e obras do engenheiro*, lançando mão, sempre que tal ajuda seja necessária, de outros poemas e apontamentos do heterônimo, bem como de outras passagens da obra do ortônimo. O escopo principal é estabelecer possíveis aproximações entre sociologia e literatura, tomando como decisão metodológica fundamental partir dos escritos do poeta. Não se trata, portanto, de uma sociologia da literatura, mas de uma aproximação entre ambas, tentando dar espaço ao Álvaro de Campos *teorista social*¹¹.

A dada altura dessa seleção de escritos, há um apontamento intitulado “Mensagem ao diabo”, que começa com: “É preciso criar abismos, para a humanidade que os não sabe saltar se engolfar neles para sempre” e, mais abaixo, sugere uma espécie de passo ao sociólogo: “É nosso dever de sociólogos untar o chão, ainda que seja com lágrimas, para que escorreguem nele os que dançam”¹². Para a nossa análise, recorreremos à dupla sugestão que nos é dada pelo poeta, justamente a nós, sociólogos: a de *criar abismos* e a de *untar o chão*, assumindo como risco que também

(*Ibidem*, p. 15). *Vida e obras do engenheiro* é o que ela, Teresa Rita Lopes, publica em homenagem ao centenário de nascimento do heterônimo. O projeto de Pessoa acima aludido nunca chegou a ser realizado (*Ibidem*, p. 17).

¹⁰ CAMPOS, Álvaro de. Tabacaria. In: Arquivo Pessoa. *Obra Édita*. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/163>>. Acesso em 15 de dezembro de 2021. Para todos os poemas e textos mencionados e que não estejam no *Vida e obras do engenheiro*, ver: <<http://arquivopessoa.net/>>. Acesso em 15 de dezembro de 2021. Lá se encontra uma aba para pesquisa por termos ou expressões.

¹¹ *Idem*. *Vida e Obras do Engenheiro*. Introdução, organização, transcrição e notas de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990, p. 139.

¹² *Ibidem*, pp. 140-1.

aquele que se propõe a realizar as análises pode cair nas armadilhas que produz. Vamos, então, aos poemas.

Excursão pelos poemas

Começamos com “O coração da infância”, no qual não encontramos a palavra infância além do título. De fato, não é a repetição do termo que importa, mas as várias inserções de qualificativos às referências de tempo e de espaço. Deste destacam-se a sala de jantar das tias velhas, mais a menção à cidade e à rua, daquele o tiquetaquear diferente, a memória e o passado. A juntá-los, a formulação *província de outrora* e a ideia, intrigante, expressa no verso *eternamente criança*.

NA AMPLA SALA DE JANTAR das tias velhas
o relógio tictaqueava o tempo mais devagar.
Ah o horror da felicidade que não se conheceu
Por se ter conhecido sem se conhecer.
O horror do que foi porque o que está está aqui.
Chá com torradas na província de outrora
Em quantas cidades me tens sido memória e choro!
Eternamente creança.
Eternamente abandonado.
Desde que o chá e as torradas me faltaram no coração.
Aquece, meu coração!
Aquece ao passado,
Que o presente é só uma rua por onde passa quem me esqueceu...¹³

O coração da infância parece remeter a uma época, outrora, em que o tempo alentece, possui ritmo diverso, momento em que se foi feliz – bem antes de a felicidade ter se posto como questão a conhecer –, e que se apresenta separado – em uma clivagem nunca mais refeita – do mundo daquele que se transformou em adulto, que, ao perambular pelas ruas, constata o horror da perda, pois o que restou do *chá com torradas* permanece como lembrança fria. Viviam-se a felicidade quando não se a conhecia, na *infância*. Entretanto, esse tempo, o coração da infância, do

¹³ CAMPOS, Álvaro de. *Vida e Obras do Engenheiro*. Introdução, organização, transcrição e notas de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990, p. 139, p. 45.

qual só se lembra a frio – daí o lamento *aquece ao passado* –, assume particular expressão no verso no qual a criança não aparece como quem se foi um dia, o que passou. Ao contrário, permanece: *eternamente criança, eternamente abandonado*. Não estamos diante da lembrança, operada no presente (o mundo adulto), que se recorda da sala de jantar das tias velhas de quando era criança – e, por isso, ampla a sala –, mas uma criança que permanece no adulto, um passado no presente, atuando como uma espécie de marca da perda, ou da falta. Sempre em companhia do adulto que perambula no tempo presente carregado de lembranças (que lhe são frias, estranhas) e se encontra diante do horror: “porque o que está está aqui”.

O horror ante a frieza das lembranças do que se viveu retorna no poema “Notas sobre Tavira”¹⁴, cidade na qual teria nascido o engenheiro, que ao realizar a descrição do local aponta que: “tudo é velho onde fui novo” e, diante dessa paisagem, que não mais é, constata: “o que vejo sou eu”¹⁵. Aqui, no entanto, ver-se refletido como estranho no que um dia lhe foi familiar tem menos a ver com uma recordação cuja sensação seria a de horror diante do que foi perdido e mais a ver com uma operação racional (“recordo-me, olhei, vi, comparei”), na qual constata, lúcido, que: “Esta villa da minha infância é afinal uma cidade estrangeira. / (Estou à vontade, como sempre, perante o estranho, o que me não é nada)”. A acoplagem que surge nos dois versos entre estar diante de um lugar familiar (cuja sensação é a de estar em um lugar estrangeiro) e do estranho que lhe parece habitual (“o que me não é nada”) reverbera em uma conclusão não mais a respeito de uma cidade que se olha e compara (o que era e no que se transformou), mas a respeito de si: “Sou forasteiro, tourist, transeunte. / É claro: é isso que sou. / Até em mim, meu Deus, até em mim”.

A certeza – a clareza, para ficarmos mais próximo do espírito do texto – é a de que se é de fora, alguém em movimento, girando, que torna e retorna aos lugares para olhar, e comparar, como o turista, que transita

¹⁴ CAMPOS, Álvaro de. *Vida e Obras do Engenheiro*. Introdução, organização, transcrição e notas de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990, pp. 47-8.

¹⁵ Como aparece na abertura do poema: “Cheguei finalmente à villa da minha infância. / Desci do comboio, recordo-me, olhei, vi, comparei. (Tudo isto levou o espaço de tempo de um olhar cansado). / Tudo é velho onde fui novo”. O título comporta uma variação, *Notas em Tavira*, como observa LOPES, Teresa Rita. Apresentação do engenheiro. In: CAMPOS, Álvaro de. *Vida e Obras do Engenheiro*. Lisboa: 1990, p. 48.

à vontade diante do estrangeiro e do estranho. A ideia forte, parece-nos, entretanto, porque define as de *tourist* e transeunte, é a de *sou forasteiro*, isto é, que realiza um movimento do exterior para o interior, no qual passa, vê, compara e vai embora, cuja experiência não é a do pertencimento, a de quem possui raízes, mas a da passagem, a do transitar, a do cruzar – em outros termos, a de quem não guarda raízes e não vive o pertencimento, nem aos lugares nem a si mesmo: um *eu* turista *até em mim*¹⁶.

A paisagem da infância, estranha e estrangeira, bem como o *chá com torradas na província de outrora na ampla sala de jantar das tias velhas*, atualiza não mais o horror ante o que se perdeu (a felicidade, pois quando se a viveu não era conhecida, como apontava o poema anterior), mas a fria constatação: estar à vontade *como sempre, perante o estranho [...]*, forasteiro, turista, transeunte, estrangeiro diante das coisas, dos outros, para si e consigo mesmo. Notemos, porém, que, se no verso é afirmado com clareza o que se é, isso não implica estarmos diante do deslindamento de uma identidade, mas de uma revelação: “É claro: é isso que sou”, como se o *eternamente criança* do poema anterior se lhe apresentasse como o estranho em mim, uma espécie de discernimento que não leva ao susto, ao pavor, ao horror, mas a uma sensação familiar, a de ser estrangeiro: “Até em mim, meu Deus, até em mim”. Tal discernimento que lhe permite tomar consciência de que é estrangeiro – de sentir-se estrangeiro – é um ato de pensamento, por meio do qual a inteligência – a compreensão – acerca da passagem do tempo se expressa. No entanto, como diz Álvaro de Campos mais à frente,

Estou cansado da inteligência.
Pensar faz mal às emoções.
Uma grande reacção aparece.
Chora-se de repente, e todas as tias mortas fazem chá de novo
Na casa antiga da quinta velha.

¹⁶ Para permanecermos no norte proposto deste texto, a maneira como aparece construída a noção de *exílio*, não exploraremos a instigante clivagem operada entre *mim* e *eu* nos demais poemas de Álvaro de Campos. Ainda que a ideia de exílio mantenha forte afinidade com as distinções entre *mim* e *eu* feitas pelo heterônimo, nosso percurso tomará outras vias de acesso. Para um olhar mais detido das relações entre *mim* e *eu*, ver, por exemplo, ROVAL, Mauro L. *Os saberes de si*. São Paulo: Annablume / Fapesp, 2001.

Pára. meu coração!
Sossega, minha esperança factícia!
Quem me dera nunca ter sido senão o menino que fui...
Meu sono bom porque tinha simplesmente sono e não ideias que esquecer!¹⁷

Vemos, pois, que a constatação anterior de que se é, ao mesmo tempo, a paisagem externa e estranha, bem como *forasteiro, turista, transeunte* inclusive para si mesmo, no entanto, cansa e faz mal – dado que é um produto da inteligência e do ato de pensar que refletem sobre e memoram a infância, tempo que alentecia na casa antiga em que não havia *ideias que esquecer* e nada a memorar. Não é raro encontrar em Campos a afirmação de que se está cansado: aqui a inteligência cansa, o pensamento faz mal (às emoções) e até sentir cansa (“Arre, sentir cansa”¹⁸). Em momento oportuno tentaremos falar um pouco mais acerca desse par pensar e sentir¹⁹, e como aparecem mais bem articulados como pensar-sentir. Por ora, sigamos com a nossa aposta em costurar os textos presentes no *Vida e obras do Engenheiro*, como o próximo, que reforça a ideia do estranho, do estrangeiro para si e para os outros. Estrangeiro em toda parte.

Vendi-me de graça aos casuais do encontro.
Amei onde achei, um pouco por esquecimento.
Fui saltando de intervalo em intervalo
E assim cheguei a onde cheguei na vida.
Hoje, recordando o passado
Não encontro nele senão quem não Fui...
A criança inconsciente na casa que cessaria,
A criança maior errante na casa das tias já mortas,
O adolescente inconsciente ao cuidado do primo padre tratado por tio,

¹⁷ CAMPOS, Álvaro de. *Vida e Obras do Engenheiro*. Introdução, organização, transcrição e notas de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990, p. 49.

¹⁸ *Ibidem*, p. 79.

¹⁹ Pensar e sentir é um par recorrente e não apenas nos textos de Álvaro de Campos, como podemos observar, por exemplo, na pena do ortônimo, entre outras passagens, no Fausto, tragédia subjetiva: “Para que queres compreender / se dizes qu’er sentir” (PESSOA, Fernando. *Fausto, tragédia subjetiva* (Maria: amo como o amor ama). In: *Arquivo Pessoa*. Obra Édita. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/949>>. Acesso em 15 de dezembro de 2021).

O adolescente maior enviado para o estrangeiro (mania do tutor novo).
 O jovem inconsciente estudando na Escócia, estudando na Escócia...
 O jovem inconsciente já homem cansado de estudar na Escócia.
 O homem inconsciente tão diverso e tão estúpido de depois...
 Não tendo nada de comum com o que foi,
 Não tendo nada de igual com o que penso,
 Não tendo nada de comum com o que poderia ter sido.
 Eu...
 Vendi-me de graça e deram-me feijões por troco
 Os feijões dos jogos de mesa da minha infância varrida.²⁰

Em primeiro lugar, atrai nossa atenção a escolha feita pela ideia de encontro – e não do desencontro – presente nos versos acima, nos quais a recordação do passado, como algo que passou, promove um encontro com *quem não Fui*. Dado que o passado é permanência e, em particular, esse outrora no qual se foi feliz um dia – menino, criança, a infância –, recordá-lo resulta em encontrar *quem não Fui*, isto é, uma espécie de identidade na qual tempo e lugar não oferecem referências do pertencimento, a casa para a qual voltar um dia. Daí também a força da imagem que envolve a ideia de estrangeiro em Álvaro de Campos: “encontrar quem não Fui”, dar de frente com a criança que permanece no adulto.

Esse tempo presente, no entanto, não é marcado pela permanência de todo o passado, mas por uma dimensão dele, a infância, *eternamente criança*, época do *sono bom* em que não se tinha *ideias que esquecer!*. Porém esse presente também é caracterizado pelas relações estabelecidas com os *casuais do encontro*, que poderíamos tomar, provisoriamente, como aqueles com os quais se estabelecem vínculos, duradouros ou não, aqueles que, para arriscarmos uma definição abrangente, nunca frequentaram a: “ampla sala de jantar das tias velhas”²¹. Inserido nessa teia com os casuais, habitantes de um mundo diferente da *província de outrora*, recordar o passado não constitui nem uma técnica por meio da

²⁰ CAMPOS, Álvaro de. Vida e Obras do Engenheiro. Introdução, organização, transcrição e notas de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990, p. 50-51.

²¹ Notemos que a imagem dos *não casuais do encontro* remete à rede familiar de proteção à criança feliz que um dia foi, quando se era feliz porque não era necessário pensar sobre a felicidade, tais como as tias (velhas), o primo (chamado de tio), habitantes da casa antiga em que o relógio não avança e passa, mas tiquetaqueia e dura.

qual ocorre a reconciliação com o já vivido nem promove propriamente um desencontro. Como aponta o verso: “Hoje, recordando o passado / Não encontro nele senão quem não Fui”, recordar surge como um ato de busca não completamente malogrado, pois encontra-se alguém nesse movimento, justamente a criança que permanece e não mais existe (*quem não Fui*) no adulto (para sempre menino abandonado). Tal adulto, que quando criança habitou a *província de outrora*, vive agora em outro mundo, aquele no qual transita pelas ruas da cidade e transaciona com os casuais do encontro. A criança – *eternamente* – parece assim acompanhar o adulto como o passado o presente, em uma espécie de agenciamento temporal no qual quem era, quem possuía raízes – e nem sequer pensava a esse respeito – torna-se paulatinamente outro, e *de graça*. Um estranho.

Seja porque não há reconciliação com o passado, seja porque o desencontro que se dá ao recordar insinua uma linhagem peculiar de encontro, os textos de Campos parecem sublinhar a importância que gradativamente assume a presença dos *casuais do encontro*, cuja principal característica é a impossibilidade de ter sob controle os desdobramentos que tais encontros instauram. As relações estabelecidas com os *casuais do encontro* ultrapassam cada um dos envolvidos nessas relações, daí a seguinte dupla constatação. Primeiro, a de que se foi vendido de graça (porque o que perdeu é inapreciável), como nos versos: “Ó Paraíso Perdido da minha infância burguesa, / Meu Éden agasalhando o chá nocturno, / Minha colcha limpa de menino”. Segundo, a de que “Tudo quanto tenho feito conheço-o claramente: é nada”, tal qual em trecho de *manuscrito interrompido pelo Destino*:

Tudo quanto tenho feito conheço-o claramente: é nada.
Tudo quanto sonhei, podia tê-lo sonhado o moço de fretes.
Tudo quanto amei, se hoje me lembro que o amei, morreu há muito.
Ó Paraíso Perdido da minha infância burguesa,
Meu Éden agasalhando o chá nocturno,
Minha colcha limpa de menino!
O Destino acabou-me como a um manuscrito interrompido.²²

²² As maiúsculas sugerem a referência ao “Paraíso Perdido”, de Milton, a quem o ortônimo via como um dos quatro grandes. “Nos grandes poetas das línguas vivas dá-se pois, não sempre, mas quase sempre, o fenómeno que exemplifiquei com Milton e Homero. Nos quatro destes poetas que são verdadeiramente de primeira linha –

No entanto, se em poema de julho de 1930 líamos uma afirmação: “Vendi-me de graça aos casuais do encontro”²³, no de janeiro de 1930²⁴ eram formuladas duas perguntas: “quem me vendeu ao destino? / Quem me trocou por mim?”. A aproximação dos dois poemas parece sugerir que naquele de julho de 1930 a afirmativa traz uma resposta às questões do de janeiro de 1930: *vendi-me*, isto é, não foi nenhum outro a fazê-lo, como se existisse uma força que agisse independentemente de nós. No entanto, ao avançarmos na comparação desses dois poemas, notamos que outra noção começa a ganhar força, a de destino – seja porque destino, em alguma medida, equivale aos *casuais do encontro*, seja porque ele aponta a inserção do adulto no mundo criado pelas relações estabelecidas (planejadas ou não) –, com os *casuais*. Tais relações, entretecidas de maneira muito particular, como veremos mais adiante, escapam ao controle de cada um – conquanto isso não signifique que haja uma força que tudo controla. Retenhamos por ora a particularidade desse encontro com os tais casuais e avancemos, citando trecho do poema de janeiro de 1930:

Passo, na noite da rua suburbana,
 Regresso da conferência com peritos como eu.
 Regresso só, e poeta agora, sem perícia nem engenharia,
 Humano até ao som dos meus sapatos solitários no princípio da noite
 Onde ao longe a porta da tenda tardia se encobre com o último taipal.
 Ah, o som do jantar nas casas felizes!
 Passo, e os meus ouvidos vêm para dentro das casas.
 O meu exílio natural enternece-se no escuro
 Da aia meu lar, da rua meu ser, da rua meu sangue.
 Ser a criança economicamente garantida,
 Com a cama fofa e o sono da infância e a criada!
 O meu coração sem privilégio!

Dante, Shakespeare, Milton e Goethe – dá-se invariavelmente. Os exemplos supremos são, por supremos, representativos, e todos depõem, neste pormenor, em igual sentido” (PESSOA, Fernando. A poesia nova em Portugal. In: PESSOA, Fernando. *Páginas de estética e de teoria literária*. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/1151>>. Acesso em 15 de dezembro de 2021).

²³ CAMPOS, Álvaro de. *Vida e Obras do Engenheiro*. Introdução, organização, transcrição e notas de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990, pp. 50-1.

²⁴ *Ibidem*, pp. 55-7.

Minha sensibilidade da exclusão!
Minha mágoa extrema de ser eu!
Quem fez lenha de todo o berço da minha infância?
Quem fez trapos de limpar o chão dos meus lençóis de menino?
Quem expôs por cima das cascas e do algodão das casas
Nos caixotes de lixo do mundo
As rendas daquela camisa que usei para me baptizarem?
Quem me vendeu ao Destino?
Quem me trocou por mim?²⁵

Antes de tudo, o engenheiro regressa como poeta, e não perito, algo próximo ao verso famoso de “Lisbon Revisited” (1923): “Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica. / Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo”. Se nos lembrarmos que a inteligência (e também o sentir) cansa e *pensar faz mal às emoções*, poder ver com os ouvidos, como diz a dada altura, parece sugerir que se continua pensando, mas agora como alguém que sente e por isso pensa – e não alguém que pensa sobre o que sente, que seria quando a inteligência cansa e o pensar faria *mal às emoções*. Se essa leitura é possível, não é o pensar que faz mal, mas o hiato entre pensar e sentir, a separação entre ambos, que teria como consequência a prevalência do pensamento sobre a sensação. Regressar como poeta pela rua suburbana é desviar-se em um pensar-sentir que permite aos ouvidos ver, aos olhos ouvir.

A personagem principal do poema, contudo, é a rua. Ela é suburbana, quer dizer, não é propriamente a da cidade nervosa das *ruas cruzadas constantemente por gente* – como na “Tabacaria” –, mas a rua como o espaço e o tempo nos quais habita quem não pertence às *casas felizes*, e nem tem como retornar a uma, pois se trata: “da rua meu lar, da rua meu ser, da rua meu sangue”. A rua anônima pela qual passa o faz sentir e pensar, simultaneamente (algo próximo do verso do ortônimo: “o que em mim sente está pensando”²⁶). Sentir-pensar no som do jantar das casas felizes, na infância da criança *economicamente garantida*, a queda da *infância burguesa* que pode ser vista, desde a rua, por meio da

²⁵ CAMPOS, Álvaro de. *Vida e Obras do Engenheiro*. Introdução, organização, transcrição e notas de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990, pp. 55-7.

²⁶ PESSOA, Fernando. Ela canta, pobre ceifeira. In: Arquivo Pessoa. *Obra Édita*. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/2429>>. Acesso em 15 de dezembro de 2021.

imaginação: “e os meus ouvidos veem para dentro das casas”. Não como engenheiro, mas poeta, é que se dá conta do que chama de: “sensibilidade da exclusão!”, caracterizada pela: “mágoa extrema de ser eu”. E, se mágoa tem sentidos tão diversos que se estendem de mancha, nódoa, marca, até pesar e tristeza, é como se o curto verso condensasse a ideia de que a sensibilidade da exclusão é anunciada pelo erro e desgosto *de ser eu*, aquele que vive nas ruas da cidade e não tem porto seguro, cais iluminado ou casas *felizes* para onde retornar, em outros termos, aquele que vive (em) um tipo particular de exílio: *O meu exílio natural*.

Voltaremos a essa ideia, nuclear para nós. Retomemos, para não perdermos o nosso fio, o uso dos verbos vender e trocar mencionados acima. As perguntas: “Quem me vendeu ao destino? Quem me trocou por mim?”, colocadas em janeiro de 1930, que sugerem certa lamentação ou uma queixa dirigida a um outro – ao autor da venda / troca –, ao lê-las à luz do poema de julho, vemos que o ato praticado é de autoria própria, *vendi-me*, como mostramos acima, e que o Destino, que merece letra maiúscula nos versos, assume o lugar que ocupavam, no poema de janeiro, os *casuais do encontro*. Destarte: “quem fez lenha de todo o berço da minha infância?” ou “Quem fez trapos de limpar o chão dos meus lençóis de menino?” parecem ter a mesma resposta: não se foi retirado do calor do regaço das tias velhas, da companhia do chá com torradas e das casas felizes por alguém, menos ainda tal acontecimento é atribuído a um destino de cuja trama não se toma parte. Ao contrário: é como se todos fizessem parte dos casuais do encontro²⁷, dos que habitam a rua (*da rua meu lar*) e vivem um *exílio natural* – um tipo de exílio ao qual nos acostumamos e do qual só nos damos conta não pela perícia da inteligência ou pela recordação, mas pela capacidade de perceber uma sensação particular: a da *sensibilidade da exclusão*. Um exílio que é sentido como exclusão, abandono, e não como afastamento de um tempo e lugar natal para o qual se pudesse retornar, reencontrar – caso assim se quisesse ou assim se sonhasse.

²⁷ O destino lido como as relações entretecidas com os casuais do encontro, relações cujas consequências nos ultrapassam, poderia, talvez, jogar luz ao significado que a palavra toma no capítulo intitulado Criador de Anarquias, composto de um único verso: “Vou atirar uma bomba ao Destino”, maiúscula outra vez. CAMPOS, Álvaro de. *Vida e Obras do Engenheiro*. Introdução, organização, transcrição e notas de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990, p. 67.

Afinal, como diz a primeira linha do poema de junho de 1930, é ele, quem o escreve, que passa: “passo, na noite da rua suburbana” – e não o tempo. O *exílio natural*, e é isso que nos parece extraordinário, é anunciado, aqui, como uma espécie de sensação, a qual, pelo que se depreende do verso, dói, mas se suaviza, *enternece-se* no escuro da noite da rua suburbana.

Na “Passagem das horas”, de 1923²⁸, já encontrávamos a primazia das sensações: “Nada me prende, a nada me ligo, a nada pertencço. / Todas as sensações me tomam e nenhuma fica”. Entretanto, parece-nos novidade notável a entrada em cena da noção de *exílio natural* como uma espécie de sensação – sobretudo em diálogo com as ideias de forasteiro, *tourist*, transeunte, estranho e estrangeiro²⁹. No entanto, podemos perguntar, como articular a sensibilidade da exclusão com a presença do destino, o que ultrapassa a todos no infundável tecimento das relações com os casuais do encontro? Se o *exílio natural* aparece como uma espécie de sensação – a do abandono, a da exclusão –, quem afinal seriam os *casuais do encontro*: aqueles que, diferentes do poeta, têm pertencimento garantido e vivem incólumes ao *som do jantar nas casas felizes*?

Em poema datado de 4/7/1934, temos, assim nos parece, outro trecho com algumas pistas que indicam uma reflexão acerca do assunto:

Saí do comboio,
Disse adeus ao companheiro de viagem
Tínhamos estado dezoito horas juntos.
A conversa agradável
A fraternidade da viagem.
Tive pena de sair do comboio, de o deixar.
Amigo casual cujo nome nunca soube.

²⁸ CAMPOS, Álvaro de. *Vida e Obras do Engenheiro*. Introdução, organização, transcrição e notas de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990, p. 73.

²⁹ Não conseguiremos explorar o campo de tensão que imanta essa série de palavras – exílio, forasteiro, esquecimento, estrangeiro, abandono, degredo, exclusão, turista etc. – e suas respectivas nuances de significado e, sobretudo, de etimologia: exterior e fora, caído para o lado de fora e não resgatado, por isso perdido; desconhecido, não familiar; banimento, proibição, degradação, aviltamento, girar em torno, vagar. Contentar-nos-emos, contudo, em sublinhar, conforme proposta deste texto, como tais palavras compõem um mundo para o qual se olha, por meio dos versos do poeta, de maneira não familiar.

Meus olhos, senti-os, marejaram-se de lágrimas...
Toda despedida é uma morte...
Sim toda despedida é uma morte.
Nós no comboio a que chamamos a vida
Somos todos casuais uns para os outros,
E temos todos pena quando por fim desembarcamos.
Tudo que é humano me comove porque sou homem.
Tudo me comove porque tenho,
Não uma semelhança com ideias ou doutrinas,
Mas a vasta fraternidade com a humanidade verdadeira.³⁰

A tópica *casuais do encontro* reaparece com tanta força a ponto de ser feita uma referência à: “vasta fraternidade com a humanidade inteira”, dado que a vida se apresenta na metáfora de um comboio, no qual: “Somos todos casuais uns para os outros”.

Permitamo-nos aqui uma pequena digressão por um dos capítulos da obra *O declínio do homem público*, de Richard Sennett. A certa altura de O fim da cultura pública, tratando da raiz etimológica comum dos termos civilidade e cidade, diz o autor: “civilidade é tratar os outros como se fossem estranhos que forjam um laço social sobre essa distância social”³¹, e a cidade, o “estabelecimento humano no qual os estranhos devem provavelmente se encontrar”³². *Dois estruturas de incivilidade*, então, são detectadas por Sennett: a primeira, identificada na liderança política moderna (da qual não nos ocuparemos); a segunda, que nos interessa, configurada no que chama de: “a perversão da fraternidade na experiência comunal moderna”³³. Essa segunda estrutura está alicerçada na exclusão, cujo critério de fraternidade seria a: “empatia para um grupo selecionado de pessoas, aliada à rejeição daqueles que não estão dentro do círculo local”³⁴, operando pela exclusividade (dos que pertencem) e para evitar

³⁰ CAMPOS, Álvaro de. *Vida e Obras do Engenheiro*. Introdução, organização, transcrição e notas de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990, p. 100.

³¹ SENNETT, Richard. *O fim da cultura pública. O declínio do homem público. As tiranias da intimidade*. Tradução de Lygia Araujo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 323.

³² *Ibidem*, pp. 323-4.

³³ *Ibidem*, p. 325.

³⁴ *Ibidem*, p. 325.

os outros, isto é, os que estão fora desse *nós*, chamados de *forasteiros*, *desconhecidos*, *dessemelhantes*.

Certamente “estranho”, “estrangeiro” e “forasteiro” possuem diferenças no interior da obra de Sennett, e não temos intenção de as explorar. No entanto, diríamos, e a ilação é nossa, que não se reconhece imediatamente no que o estranho não nos é familiar. O que nos importa reter de Sennett é a noção de civilidade como a atividade que, simultaneamente, protege as pessoas umas das outras e permite que tirem proveito da companhia umas das outras. Daí a importância dos *laços sociais* forjados pelo estranho na cidade, e a maneira como nela se portam (matéria da civilidade), pois tais laços não buscam apagar a *distância social*, preservando mais a ideia de viver com os outros do que a de estar perto dos outros³⁵. É na cidade que essa distância atua e a companhia de estranhos pode ser usufruída como sociabilidade, é lá o local criado social e historicamente para as e pelas pessoas no qual os estranhos se encontram e produzem laços.

A *perversão da fraternidade*, que atua no campo oposto, o da incivilidade, compartilha da necessidade de construção de: “imagens coletivas baseadas na etnicidade, ou no *quartier*, ou na região”, produzindo os intrusos que serão excluídos, uma fraternidade cuja empatia é voltada para um *nós* que se define diante de um *eles*, sendo, portanto, fluida, e que *leva ao fratricídio*. O que há é uma fraternidade de um *nós* cálido, protetor, fluido, pois é definido pelo intruso, que nunca cessa de se manifestar.

Retornemos ao *Vida e obras do engenheiro*. Notemos que, em Álvaro de Campos, não há sombra da construção comunitária de um *nós* fluido, por meio de ideias ou doutrinas, isto é, uma concepção de *nós* que constrói a identidade pela exclusão do outro, do estranho. Todos são estranhos, casuais do encontro, passageiros. Se há: “amigo casual cujo nome nunca soube”, presume-se que acidentais sejam também aqueles de quem sabemos o nome, quem amamos, quem desconhecemos. O mundo, ou, no espírito dos versos destacados, a rua por onde circulam pessoas e comboios, é um lugar de estranhos, em outros termos, dos casuais do

³⁵ SENNETT, Richard. *O fim da cultura pública. O declínio do homem público. As tiranias da intimidade*. Tradução de Lygia Araujo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 323.

encontro, personagens do destino, dado que somos, todos, envolvidos em múltiplas relações, incidentais ou frequentes, instituintes ou instituídas. Os *casuais do encontro* não são a família nem produzem relações que nos sejam familiares, não são uma sucessão de iguais, não perfazem a ideia de um nós que abraça, acalenta e para o seio do qual desejam retornar. Tampouco se definem pelo desejo de estar próximos uns dos outros. Ao contrário, a depender dos versos de Álvaro de Campos, nas ruas por onde se locomove o comboio e que em cada desembarque temos a experiência da morte – pois *toda despedida é uma morte* –, somos todos estrangeiros, em movimento, construindo *A fraternidade da viagem*. Viver com os casuais do encontro é criar laços que se desfazem nas despedidas, e não aqueles que nos atam a um grupo.

Essa ideia nos instiga porque em vez da religação, da retomada do Paraíso Perdido, do retorno à unidade originária – diria Castoriadis, leitor de Freud –, estamos ante a fraternidade na queda, a civilidade nos lugares cruzados por gentes e comboios – da cidade, da rua –, ao qual pertencemos não por sermos parte de algo, mas por sermos todos transeuntes, forasteiros, estrangeiros. No entanto, e isso nos parece claro a essa altura, se somos estranhos, isso não é obra do destino, uma força exterior, de fora, que age como causa. É a estranheza a promover o destino, as relações, os laços, a fraternidade. Ao fim e ao cabo, há fraternidade porque somos estranhos. Uns para os outros. Estrangeiros. *Até em mim, meu Deus, até em mim.*

Entre as inúmeras destinações para as quais se dirigem os viajantes que tomam os comboios: – “Nós no comboio a que chamamos vida” – não lemos na placa a referência ao *Paraíso Perdido* ou à *província de outrora*. No entanto, encontramos no poema datado de 2/5/1933 – “Faze a mala para Parte Nenhuma” (1933)³⁶ – alguns exemplos de destinações, que aparecem em maiúsculas, como a se referir a possíveis cidades factícias: *Parte Nenhuma*, *Grande Abandono* ou *ti mesmo diverso!*, pois: “Que te é a terra habitada senão o que não é contigo?”. Não se pertence ao aqui, não se pertence a si mesmo, mas ao Grande Abandono, a Parte Nenhuma, os quais só são percebidos se sentidos – e pensados – ao longo de uma

³⁶ CAMPOS, Álvaro de. *Vida e Obras do Engenheiro*. Introdução, organização, transcrição e notas de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990, p. 107.

corrente de palavras como “estranho”, “estrangeiro”, “forasteiro” (para si e para o mundo), a culminar nas sensações de abandono (do banimento de todas as construções de um nós de pertencimento), que chama de *sensibilidade da exclusão*. Se: “Viver é desencontrar-se consigo mesmo”³⁷, estamos diante do que o poeta chamou, e que nos pareceu notável desde o início, de *exílio natural*, exílio habitual, ao qual nos habituamos a viver como estrangeiros em toda parte. Para isso, contudo, é necessária uma educação: uma na qual se aprenda a não se fiar demasiado em um nós de pertencimento.

Considerações Finais

Nas palavras de Luigi Pareyson: “a arte propriamente dita é a especificação da formatividade”³⁸, “Nela concebe-se executando, projeta-se fazendo, encontra-se a regra operando, já que a obra existe só quando é acabada [...] só escrevendo, ou pintando, ou cantando é que ela é encontrada e é concebida e é inventada”³⁹. Elas têm vida e legalidade próprias, e

consiste[m] precisamente nisto: no não querer ter outra justificação que a de ser um puro êxito, uma forma que vive de per si, uma inovação radical e um incremento imprevisto da realidade, alguma coisa que primeiro não era e que é única no seu gênero, uma realização primeira e absoluta.⁴⁰

Traremos para as nossas considerações finais a ideia de formatividade de Pareyson, a fim de sublinhar que tomamos os textos – poemas e versos de Álvaro de Campos – como uma *forma que vive* e traz um *incremento imprevisto da realidade*.

Continuando com o autor,

³⁷ CAMPOS, Álvaro de. *Vida e Obras do Engenheiro*. Introdução, organização, transcrição e notas de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990, p. 78.

³⁸ PAREYSON, Luigi. *Os problemas da estética*. Tradução de Maria Helena N. Garcez. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 37.

³⁹ *Ibidem*, p. 32.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 37.

O valor da imagem artística não depende, de modo algum, da maior ou menor semelhança com a realidade, ou melhor, não depende para nada de sua relação positiva ou negativa com a realidade. [...] *a arte consiste no produzir um objeto novo que antes não existia e que agora existirá como coisa entre coisas.*⁴¹

Forma que vive e incremento, fomos aos versos de Campos mais como a configuração de *uma realidade* nova do que *significação, ou expressão, ou imitação* de uma realidade preexistente, tomando as imagens construídas a partir da ideia de exílio como novidade, incremento da realidade, um novo existente, uma ideia que se prolonga encadeando outras, um incremento novo inaudito na face da terra, que culmina na expressão *exílio natural*. Não uma contribuição para a compreensão do mundo interno e subjetivo de Pessoa-Campos, mas para destacar a realização, pelo poeta, de um exílio como sensação.

Por que a ideia de exílio como sensação é um incremento, uma forma nova na realidade? Como ele se apresenta como uma forma diferente de olhá-la? Para responder a essa questão, lembremo-nos do *Sensacionismo* conforme definido pelo ortônimo, no texto “Os fundamentos do Sensacionismo”: “O Sensacionismo é assim porque, para o Sensacionista, cada ideia, cada sensação a exprimir tem de ser expressa de uma maneira diferente daquela que exprime outra”⁴². Daí a necessidade de inventar uma forma diferente para sentir uma ideia de exílio que é particular: a de exílio natural, de que partilham um mundo em que todos são estrangeiros, estranhos entre estranhos. Esse incremento trazido pelo verso é apresentar o exílio como uma sensação, porém nova, porque específica, para dar conta de uma sensibilidade, a sensibilidade da exclusão.

Sentir a condição de excluído em um mundo no qual não se encontra pertencimento, no qual se está em constante movimento, nas ruas e nas cidades, transeunte ou no comboio, *tourist* que faz as malas para Parte Nenhuma. Vivendo um exílio ao qual, por ser perpétuo, se habituou e nele

⁴¹ PAREYSON, Luigi. *Os problemas da estética*. Tradução de Maria Helena N. Garcez. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 68. [grifo nosso]

⁴² PESSOA, Fernando. Os fundamentos do Sensacionismo. In: Arquivo Pessoa. *Obra Édita*. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/1941>>. Acesso em: 15 dez. 2021.

habita: o exílio natural. Para tal conclusão, mais importante do que a ideia de infância perdida foi a entrada em cena do verso *eternamente criança*, que insiste, persevera, existe no presente, no adulto, entre os casuais do encontro. O exílio que tentamos construir em Álvaro de Campos, se é algo interno e subjetivo, é também uma sensação nova, criada, e, por existir como incremento, tensiona o mundo-rua partilhado com os outros.

Se: “Escrever é esquecer. A literatura é a maneira mais agradável de ignorar a vida” (Bernardo Soares)⁴³, é no seu apagamento da vida que a literatura inventa outra, incrementando-a, enriquecendo o mundo com sensações e dores, para de maneira distinta ser sentida, e de novo ser escrita e esquecida.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Teresa. Nacionalismo e Modernismo. O projecto Exílio. In: *Exílio* (edição fac-similada). Lisboa: Contexto, 1982, pp. VII-XVII. Disponível em: <<http://ric.slhi.pt/docs/Extras/0000001687.pdf>>. Acesso em 9 de novembro de 2021.

AULETE *digital*. Disponível em: <<https://aulete.com.br/>>. Acesso em 15 de dezembro de 2021.

CAMPOS, Álvaro de. *Vida e Obras do Engenheiro*. Introdução, organização, transcrição e notas de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990.

CAMPOS, Álvaro. Ode marítima. In: Arquivo Pessoa. Obra Édita. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/135>>. Acesso em 15 de dezembro de 2021.

CAMPOS, Álvaro. Tabacaria. In: Arquivo Pessoa. Obra Édita. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/163>>. Acesso em 15 de dezembro de 2021.

LOPES, Teresa Rita. Apresentação do engenheiro. In: CAMPOS, Álvaro de. *Vida e Obras do Engenheiro*. Lisboa: Estampa, 1990, pp. 15-42.

⁴³ SOARES, Bernardo. Livro do desassossego. In: Arquivo Pessoa. Obra Édita. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/413>>. Acesso em: 15 dez. 2021.

ORIGEM da palavra. Disponível em: <<https://origemdapalavra.com.br/>>. Acesso em 15 de dezembro de 2021.

PAREYSON, Luigi. *Os problemas da estética*. Tradução de Maria Helena N. Garcez. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

PESSOA, Fernando. Ela canta, pobre ceifeira. In: Arquivo Pessoa. *Obra Édita*. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/2429>>. Acesso em 15 de dezembro de 2021.

PESSOA, Fernando. Fausto, tragédia subjetiva (Maria: amo como o amor ama). In: Arquivo Pessoa. *Obra Édita*. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/949>>. Acesso em 15 de dezembro de 2021.

PESSOA, Fernando. Os fundamentos do Sensacionismo. In: Arquivo Pessoa. *Obra Édita*. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/1941>>. Acesso em 15 de dezembro de 2021.

ROVAL, Mauro L. *Os saberes de si*. São Paulo: Annablume / Fapesp, 2001.

SENNETT, Richard. *O fim da cultura pública. O declínio do homem público. As tiranias da intimidade*. Tradução de Lygia Araujo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, pp. 317-328.

SOARES, Bernardo. Livro do desassossego. In: Arquivo Pessoa. *Obra Édita*. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/413>>. Acesso em 15 de dezembro de 2021.